

OS “USOS” DA IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA NA PRÁTICA DE ENSINO DO PROFESSOR DE SOCIOLOGIA

Jorge Alexandro Barbosa¹

RESUMO

A reflexão desenvolvida neste trabalho versa sobre a importância da “Imaginação Sociológica”, do sociólogo Mills, como recurso metodológico à prática dos professores de sociologia. Essa relação é feita, igualmente, tendo como referência as preocupações de Florestan Fernandes que, já na década de 1950, atribui importância do ensino da sociologia como preparação dos jovens ao exercício da cidadania e, até mesmo, como modo de olhar criticamente as estruturas sociais que nos modelos capitalistas não estão sujeitas - apenas - a mudanças rápidas, mas as crises, vistas como legitimadoras das desigualdades sociais. Para além de um modelo “tecnicista” de educação, devemos pensar a formação a partir de uma “nova educação” mais aberta às dinâmicas do mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Ensino de Sociologia. Imaginação Sociológica. Recurso metodológico.

Data de submissão: 08/07/2019

Data de aprovação: 06/08/2019

INTRODUÇÃO

O perfil de uma “nova educação” está relacionado, segundo Fernandes, ao avanço de uma nova classe média que a partir do processo de industrialização do Brasil - de modo específico às regiões Sul e Sudeste - enxerga na educação possibilidades de ascensão social, no qual passaram a exigir do Estado políticas públicas na área. Deve-se ressaltar que isto tende a gerar problemas quanto ao modelo e ao acesso, conforme indica Florestan, já apontando uma crítica no modelo de educação pautado apenas ao mercado de trabalho. Fernandes (1985) demonstra que as exigências por melhorias no campo da educação, também, se fizeram presentes nos movimentos estudantis que se organizavam no âmbito do ensino secundário (conhecido hoje como ensino médio). No entanto, o que fica evidente em Florestan Fernandes é a importância de discutir as mudanças e preparar os estudantes para os desafios de um novo modelo de sociedade. A escola, nesse caso, atua como reprodutora da sociedade e cabe ao professor de Sociologia dialogar com essas novas perspectivas, tendo em

¹ Mestre em Ciências Sociais pela FUNDAJ/Recife. Professor de Sociologia da Faculdade Metropolitana da Grande Recife. E-mail: jorgealexandrob@gmail.com

vista ser esta ciência, também, “um produto da modernidade” (NETO, 2012, p. 19). Neste sentido a sociologia desenvolveria um papel importante para a formação da cidadania em contraposição a um modelo eminentemente tecnicista – o que, infelizmente, mostra-se muito comum nos dias atuais.

DESENVOLVIMENTO

O que se pretende enfatizar ao pensar sobre a importância do ensino da Sociologia não está relacionado apenas ao seu objetivo e/ou atendimento de uma obrigatoriedade. É preciso trazer a importância sobre a prática do professor em sala e que deve assemelhar-se à prática da pesquisa como algo a mais: reproduzir experiências da vida (PAIS, 2013) a partir de um conhecimento voltado à prática do cotidiano, mas não àquela voltada apenas à preparação do mercado de trabalho. O conhecimento sociológico deve estar imbuído de um princípio de compromisso com o uso da razão, da liberdade e da valorização da experiência. O professor de Sociologia deve criar a disponibilidade de abertura para encontrar a melhor maneira de demonstrar a realidade aos seus alunos. Daí a necessidade e afirmação de Pais: “o cotidiano é uma fonte de revelação do social” (PAIS, 2013, p. 111).

A construção da pesquisa como prática de construção do conhecimento deve estar relacionada com o ensino médio, seja por meio de sua legislação e/ou por suas diretrizes que preveem a prática da pesquisa vinculada ao ensino. Neste sentido, faz-se necessário quebrar a velha impressão de que pesquisa e ensino são práticas distintas. Os professores de Sociologia não podem deixar de caminhar com as orientações e diretrizes do ensino que já apontam por uma prática docente muito mais preocupada com a formação à cidadania. Deve-se, igualmente, ver nos livros didáticos a possibilidade de desnaturalização de falsas noções que só tendem a reforçar estruturas de poder e de opressão para pensarmos - a partir de sua leitura e interpretação - a construção de um sentido à realidade local, de modo que os jovens possam enxergar naquilo que estão estudando um real sentido à realidade social. Segundo Pais (2013, p. 115), o conhecimento sociológico deve fazer algum sentido: “[...] os conceitos sociológicos devem ser laboriosamente trabalhados numa relação de inteligibilidade com as intenções significativas que dão sentido às interações cotidianas”.

Portanto, o sentido dessas interações e, no caso específico, as explicações sobre o fenômeno dos fatos sociais, não devem estar pautadas apenas nas imagens, ilustrações e conceitos presentes nos livros didáticos. O despertar dessa consciência crítica volta-se ao exercício da cidadania que se constitui em um dos pilares da imaginação.

Além do campo da pesquisa outra proposta inclui atividades realizadas em sala de aula que podem servir como momentos de construção do conhecimento, partindo do princípio que essas atividades não devem ser reproduções ou repetições de conteúdos dos livros e/ou de mensagens do professor. Pais (2013) aponta o papel da transposição entre teoria - ou conteúdos dos manuais - com a prática, ou seja, como relacionar o que se lê nos manuais e nos livros com a realidade? No caso do ensino desta disciplina, como “fazer Sociologia”, aproveitando-se desses conteúdos e otimizá-los da melhor maneira possível?

A proposta de Pais é apresentar a pesquisa nos mesmos moldes de Mills, fazendo uma releitura, mas tratando do “artesanato” como uma possibilidade, saindo do que ele chama de “uso ingênuo e ritualista da prova na produção sociológica” (PAIS, 2013, p. 118). Por se tratar de prova, a expressão acima se encaixa ao contexto da sala de aula e em parte ao uso exclusivo do livro didático. Do mesmo modo que se faz a crítica ao pesquisador por seguir cegamente uma teoria e não ser sensível às especificidades do problema, ao professor de Sociologia no ensino médio a autocrítica pode ser o elemento de flexibilidade na tentativa de agregar valores por meio de outros recursos didáticos. Não se trata de retirar o livro didático, pois ele tem papel essencial na consolidação do campo de atuação profissional dos cientistas sociais somado à contribuição do próprio conteúdo, mas estabelecer uma nova prática e visão de Sociologia enquanto conhecimento importante para os jovens.

O livro didático não pode ser apenas um manual de conceitos científicos, aos moldes da formação de cientistas sociais na universidade, mas como uma linguagem específica que aborda os três recortes recomendados nas orientações curriculares: conceitos, temas e teorias. Pais (2013), ao tratar da imaginação sociológica, enquanto prática do pesquisador, menciona a questão dos conteúdos e seus cuidados para que as informações produzidas tenham conexão com a realidade.

Outro autor a propor os usos da imaginação sociológica é Neto (2012, p. 20). Para ele, a partir dos contextos sociais e das possibilidades nas quais a Sociologia pode se apropriar, para usá-la como “lugar privilegiado ao exercício da mediação educativa” cabe ao professor - para além do que está posto nas orientações curriculares - estimular e estimular-se pela curiosidade, ou seja, “criar novas maneiras de olhar a mesma coisa”, o que se constitui “um exercício intelectual de distanciamento”, um esforço intelectual de pensar nossas instituições (no caso do professor, a escola e suas políticas). Padrões e valores, num exercício à maneira proposta em Mills (1982) em “A imaginação sociológica”, de trazer ao âmbito de sua atuação a dimensão de nossas biografias, ou seja, como pensar nossa realidade e cotidiano com as dinâmicas da vida institucional? Seria isto apenas uma atribuição dos sociólogos? Neto vai

apontando possibilidades como esta: “Não é necessário que a imaginação sociológica se pautem por uma leitura rígida de contribuições dadas por toda essa tradição, posto que ela não precisa e nem deve ser domínio exclusivo dos sociólogos” (NETO, 2012, p. 32). Pensar criticamente ou pensar criativamente são desafios e sugestões aos professores de Sociologia que, em relação aos contextos de suas práticas, podem construir possibilidades para além da realidade - por mais precária que possa ser -, atuando como protagonistas das dinâmicas que envolvem o ato de “ensinar” Sociologia. Portanto, cabe pensar sociologicamente.

Neste sentido, uma das primeiras sugestões que se aponta para a prática do professor de Sociologia é trabalhar com os temas propostos pelo viés do campo científico - sendo um elemento indispensável ao reconhecimento -, mas que contenham contribuições para a vida. Aliás, a mesma perspectiva apresentada por Fernandes ao tratar da importância do ensino da Sociologia.

Um dos elementos importantes nessa proposta sociológica é a curiosidade na compreensão dos processos históricos e como eles interagem nas mudanças e dinâmicas do presente (NETO, 2012, p. 37). Visto como condição inseparável, o tempo e suas noções estão entrelaçados às dinâmicas sociais nas quais nos encontramos. Para isso, cabe ao sociólogo, também, apropriar-se metodologicamente das dimensões do contexto. Antecipando-se ao que Neto (2012) propõe, cabe esperar uma nova postura do professor de Sociologia, ou seja, compreender as estruturas sociais a partir de nossos elementos cotidianos como a língua, as formas de controle social, os papéis sociais, enfim, as estruturas sociais e de como estas influenciam as ações dos indivíduos. No caso deste trabalho, como os contextos sociais influenciam os Movimentos Sociais e como todas essas questões se relacionam com a dinâmica da vida escolar e dos estudantes? Questão que pode ser generalizada e proposta como a adoção de uma “postura” de uma prática da atividade intelectual que o põe na condição de professor-sociólogo.

A partir desta prática de ensino, Neto (2012) explicita:

“[...] a imaginação sociológica é visceralmente histórica, quando não, pela necessidade de pensar em atos humanos em sucessões de gestos marcados pela causalidade. Ou seja, não se trata apenas de atribuir ênfase à história, mas o que ela representa para o indivíduo. Daí a necessidade de pensar o ensino da Sociologia, contextualizando, procurando entender as dinâmicas no cotidiano dos estudantes, sem perder a dimensão das estruturas sociais que se fazem presentes através dos mecanismos de controle social, instituições, elementos culturais” (NETO, 2012, p. 38).

Na prática docente não cabe ao professor de Sociologia, desde que seja realmente pensado como um “fazer sociológico”, ser apenas um repassador de conteúdos. Atividades em

sala de aula não deveriam ser como a reprodução dos *status* estabelecidos, nem muito menos no desempenho de funções criticadas por Mills (1982), chamadas por este autor de “conselheiro do rei”.

Nas Ciências Sociais os usos da burocracia (comuns devido aos padrões e metas estabelecidos por instituições regulatórias) são apresentados, por Mills, como tendência, ocasionando perda da autonomia da Sociologia – reflexão cada vez menor acerca das estruturas da sociedade moderna. O excesso de preocupação com as questões burocráticas faz com que se responda às exigências nem sempre voltadas ao objetivo que se destina a Sociologia. Em sala de aula corre-se o mesmo risco, sobretudo quando o professor se deixa levar pelos conflitos internos, com pouca preocupação nas análises possíveis e, principalmente, quando não assume a função de agente histórico munido do conhecimento racional, adquiridos a partir dos métodos da Sociologia.

As anotações, observações que podem ser coletadas por informantes e pessoas simples, são recursos que podem ser utilizados na pesquisa. No caso da proposta para sala de aula, em um processo de desconstrução e construção, as formulações das questões não devem estar limitadas ao livro didático, mas ao reconhecimento, por parte do professor, sobre o que os alunos sabem de determinado assunto e o que eles são capazes de pesquisar, seja nos livros e/ou mesmo na internet - hoje o principal recurso escolar. Nesse sentido, o conhecimento sociológico deve ser o instrumento lapidador, ou seja, é como se olhássemos por uma lente distorcida e, com a ajuda da Sociologia, melhorássemos o foco, vendo para além do que se estava posto e/ou mesmo fazendo novas descobertas.

Ao tratarmos do ensino das Ciências Sociais podemos trabalhar com a proposta metodológica apresentada por Martins (1998) de uma Sociologia da vida cotidiana que indica a necessidade de adaptar-se às mudanças sociais ocorridas com o fim de grandes modelos explicativos - a exemplo dos modelos socialistas e capitalista de Estado, com forte presença de políticas sociais -, que perderam espaço com o neoliberalismo, em especial no Brasil durante a década de 1990 (mas que ainda expande suas nefastas consequências). O contexto de mudança acontece quando esses grandes modelos se dissolvem, em especial o socialismo. Portanto, a vida social não está apenas voltada às questões estruturantes - assim como o mundo não está mais dividido entre capitalistas e comunistas. Essas estruturas se modificaram. O modo de organização social seguiu essa tendência, pautando-se sobre as questões do cotidiano e, com isso, mantendo o foco no indivíduo. A força da sociedade civil e dos Movimentos Sociais, segundo Martins (1998, p. 2), está na “eficácia das vontades individuais”.

O que Martins propõe não é o abandono dos estudos mais estruturais. No entanto, caminha-se na mesma direção da proposta do “artesanato intelectual” de Mills, como alternativa à “grande teoria”, em contexto muito caracterizado pelo excesso de individualização e, principalmente, na tentativa de melhor compreender o imediatismo no qual nos inserimos. Essa prática sociológica não implica pensar que as grandes movimentações não aconteçam ou que os Movimentos Sociais perderam seu sentido. Podemos citar o exemplo da Primavera Árabe quando um jovem, em protesto às condições de opressão em que vivia, ateou fogo contra o próprio corpo (CASTELLS, 2013). Outro exemplo são as manifestações de junho de 2013, nas principais cidades do Brasil, que parecem apontar na direção de que há questões que precisam ser pensadas de modo “alternativo”.

Essa crítica se expande para além da prática do professor, ao que Fernandes (1985) chamou de conhecimento enciclopédico - sendo tradicional (e conservador) - contrário ao que deveria propor a Sociologia. A Sociologia exerce uma função educadora no modelo da sociedade industrial caracterizada por crises estruturais constantes. No caso do Brasil, segundo Neto (2012, p. 54), a construção da cidadania se constitui como desafio pela complexidade de nossa própria formação e dos aspectos do Brasil, enquanto nação. E, por isso, se justifica atribuir à Sociologia um relevante papel na desconstrução de práticas legitimadoras de poderes e injustiças. O que Neto (2012, p. 54) aponta como instigante nesta formação é: “[...] construir o que somos a partir do que aprendemos sobre nós mesmos; sumariamente essa reflexão desemboca no problema da cidadania”.

Para Neto (2012, p. 70), o ensinamento e a construção da cidadania estão, igualmente, relacionados com aspectos culturais da sociedade brasileira. Ele chama atenção, ainda, que independente das perspectivas teóricas e literárias que se adote para um mesmo problema, o que ele denomina de “a intervenção de alguma força arquetípica”, deve-se estar atento às particularidades, importante nestes exercícios de imaginação sociológica. Como referência, busca-se na história a explicação de que a prática da cidadania não demonstra ter sido prioridade em nosso contexto. A própria perspectiva da história social no Brasil tem demonstrado as causas destas desigualdades, por meio de seus intérpretes, a exemplo de Sérgio Buarque de Holanda, com o conceito de homem cordial (2004)²; e de Florestan Fernandes (1978)³, acerca da condição do negro no Brasil. São possibilidades, por exemplo,

² Ver HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

³ Ver FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1978, v.1

que o professor de Sociologia pode utilizar como elementos de interpretação de nossa própria realidade para contextualizar o tempo presente.

Para Neto (2012, p. 67), a desconstrução de antigos saberes deve levar os estudantes a refletirem sobre a primeira condição da formação humana como exercício da cidadania, o que tem sido dificultado em razão de uma cultura personalista que estabelece, principalmente, nas populações mais carentes, laços de dependência e fidelidade entre políticos e eleitores. Tal fato propicia tratamento de desrespeito com setores da sociedade civil, por exemplo, com os Movimentos Sociais, que trazem, historicamente, no Brasil, o tema da cidadania nas suas bandeiras ou conjunto de reivindicações. Ressalta-se que não é o fazer política sobre a perspectiva partidária e ideológica - algo que pode ser facilmente confundido com tal atitude, embora isso não seja proibido, mas de pensar sociologicamente, com criticidade e independência, fugindo do princípio que Mills (1982, p. 195) denominou “conselheiro do rei”, ou seja, algo ainda mais comum quando os cientistas sociais estão empenhados nas atividades burocráticas, o que os levariam à perda de autonomia, impedindo-os de pensar acerca das estruturas da sociedade moderna e seus problemas.

Manter independência é acreditar na liberdade do homem, que, pelo uso da razão, pode influir na história. O próprio Mills (1982, p. 196) aponta limitações a este ideal, ou seja, ligado ao processo histórico construído pelos homens. Tal ideal pode não ser exatamente como estes gostariam que fossem porque o acesso ao poder de decisão varia de acordo com o grau de liberdade que se possui. Na maioria das vezes as pessoas se deixam conduzir por aqueles poucos que fazem a história, deixando que suas vidas se tornem marcadas pelo acaso e/ou pela sorte.

São argumentos que tem por objetivo romper com a lógica repetitiva de uma formação apenas para o “mercado de trabalho”. A Sociologia, como disciplina, deve levar o estudante a ver que “ninguém está fora da sociedade. A questão é saber o lugar que se ocupa dentro dela” (MILLS, 1982, p. 199). O professor deve transcender intelectualmente os ambientes em que vive. Isto é feito a partir do momento em que ele se põe a examinar as estruturas sociais que o cercam. Não se trata apenas de uma “visão de mundo”, mas de como pensar sociologicamente.

Seguindo essa perspectiva, Berger (2002, p. 37) afirma que “o sociólogo encontra material de estudo em todas as atividades humanas, mas nem todos os aspectos dessas atividades constituem material sociológico”, daí o papel orientador da atividade intelectual no ensino, no entendimento de que os fenômenos sociais são complexos. Por isso, a necessidade de trabalhar com perspectivas sociológicas que “vejam os processos para além das fachadas,

das estruturas sociais [...]”, para além do cotidiano e do que estabelecemos em nossas relações e instituições. Faz-se importante passar pela prática da imaginação sociológica “para perceber a realidade que as fachadas ocultam e, para isso, é preciso um considerado esforço intelectual”. Portanto, no processo educativo, o professor de Sociologia deve manter como foco de interesse os problemas sociológicos, buscando sempre “a compreensão do que acontece em termos de interação social” (BERGER, 2002, p. 47).

Como prática, os professores de Sociologia devem levar os estudantes a pensar em problemas de importância sociológica, a observar como as relações sociais modificam e/ou como interagem com as estruturas sociais vigentes. Citando o próprio exemplo de Berger (2002), ao falarmos sobre números de divórcio, o problema não será o debate do certo ou errado, mas a compreensão de como o casamento, enquanto instituição, se modificou dentro da estrutura social.

Berger (2002, p. 48-49) aponta que a consciência sociológica é desmistificadora ao buscar “mergulhar” em outros níveis da realidade em que se encontram outras tramas sociais. A ideia da desmistificação está em compreender como a ação e os pensamentos (ideologias) podem resultar em realidades diferenciadas. Fazendo um paralelo com Weber, o autor demonstra que a observação e o estudo da ação social devem nos levar a compreender e a buscar consequências não esperadas dessa ação, ou seja, na perspectiva da distinção entre o que se espera, enquanto ideia, e o que de fato acontece, enquanto perspectivas sociológicas. Eis o que Mills chamaria de o método da “imaginação sociológica”.

Ainda sobre o material de estudo do sociólogo, Berger (2002) adverte sobre a importância de observar a constituição de realidades que resistem a uma ordem social estabelecida, sendo por si um fato (ou seja, mundos que existem independentes das vontades e correntes ideológicas predominantes), do qual seu entendimento acontece por meio das pesquisas e de um olhar sociológico, para além da metodologia. Neste sentido, o entendimento de realidades (ou de modo mais preciso, as pesquisas) “paralelas”, tida muitas vezes como submundo e/ou grupos que vivem à margem da sociedade, também ajuda o sociólogo, na sua condição de professor, a explicar as formas de estruturas desta sociedade de baixo para cima. É uma forma de reconstruir concepções de mundo e sair da obviedade construída. Segundo Berger (2002, p. 57), “tal método sociológico constitui *ipso facto*, uma rejeição do pressuposto respeitável que somente certas concepções do mundo devem ser levadas a sério”.

Em outra fala, Berger (2002) reforça seu argumento insistindo que a consciência sociológica predispõe uma pessoa para uma percepção de outros mundos, além da

responsabilidade de classe média. Segundo ele, é uma percepção que já traz em si os germes da não respeitabilidade intelectual.

A Sociologia precisa ser vista como conhecimento prático, mesmo que, dentro do contexto da escola, seja dado um tempo mínimo ao professor para trabalhá-la em sala de aula. Tomar como referência o livro didático e a explanação dos assuntos propostos não é apenas recomendação das diretrizes e dos parâmetros curriculares, mas orientação básica aos estudantes. Isso nos leva de volta aos argumentos de Martins (2013, p. 20), ao tratar de uma Sociologia da vida cotidiana, partindo dos mesmos pressupostos da imaginação sociológica que pode trabalhar com a “elaboração artesanal de narrativas” que estão presentes em documentos, livros didáticos (no caso do professor), na expressão de uma visão de mundo como fator “extra científico ao conhecimento”, a exemplo do que fizeram alguns escritores como Gilberto Freyre, Jorge Amado e/ou mesmo os autores clássicos da Sociologia.

Martins (2013, p. 24) afirma que o artesanato intelectual envolve a criação de técnicas, de acordo com os objetivos e o objeto da pesquisa. Devem-se aproveitar os recursos disponíveis no momento da pesquisa. De certa forma, podemos pensar essa relação com a sala de aula. Por exemplo, ao realizar um plano de aula, nem sempre todos os recursos podem estar disponíveis e/ou mesmo o professor pode ter que lidar com circunstâncias sociais que alteram a vida escolar.

Ao retomar as premissas da imaginação sociológica de Mills, Martins enfatiza a importância do conhecimento que as pessoas inseridas *in loco* têm para a compreensão da realidade, do qual o pesquisador está inserido. Sobre isso não faltam exemplos, como os dados pelo autor. O conhecimento da classe operária entre Engels e Marx era diferente. Segundo Martins (2013, p. 28), a classe operária de Marx é uma classe operária vista pela teoria, diferente de Engels, que chegou a visitar as vilas dos operários e até mesmo casar-se com uma de suas informantes.

Os usos da linguagem e seus significados podem se diferenciar de acordo com as realidades e os objetivos empregados. O mesmo risco se pode criar com as linguagens a serem empregadas nos livros didáticos, o que justifica a necessidade do professor criar e adaptar os conteúdos de acordo com o contexto inserido. Os sotaques, gírias e os modos como os grupos sociais se organizam variam, o que pode levar os estudantes a não se reconhecer ou mesmo a entender parte do sentido exposto nos livros.

Sobre esta „adaptação“ da linguagem, Martins (2013) afirma que

O sociólogo monolíngue e unidentitário terá sérios problemas para produzir uma Sociologia minimamente consistente se não tiver condições de se

ressocializar para os valores, concepções e orientações sociais dos grupos que estuda e para a diversidade do país em que vive. (MARTINS, 2013, p. 32).

Ao transportar seus significados à sala de aula, deve ser preocupação do professor de Sociologia (e de todas as áreas do conhecimento) dar sentido aos conteúdos apresentados em um exercício de reflexão, de forma permanente e sistemática. A prática da docência não começa dentro da sala e não termina quando dela saímos. Também não é extensão das atividades que os professores levam para casa (provas, trabalhos para corrigir). “Dialogar objetivamente consigo mesmo” é trazer as próprias lembranças, conforme indica Martins (2013, p. 34).

Os elementos da imaginação sociológica guardam semelhanças em seus princípios com a perspectiva educadora de Freire (1996), no qual o professor assume uma postura pensante e não reprodutora de conteúdos, não se abstrai apenas com a rotina burocrática da escola. O que se pretende, a partir destes apontamentos, é relacionar o que o sociólogo faz, enquanto pesquisador, e o quanto essa imaginação - vista como um fazer metodológico - pode transportar-se para a prática do professor de Sociologia, que nem sempre tem formação específica.

Com isso, percebe-se que o fazer sociológico não pode estar restrito ao campo da pesquisa, aos centros acadêmicos, mas, igualmente, vinculado à prática profissional docente. O professor Heraldo Souto Maior (2013) define o campo de atuação do sociólogo do seguinte modo:

Estritamente falando, sociólogo é que atende às formalidades legais e está ensinando Sociologia, pesquisando para o desenvolvimento do campo da compreensão da sociedade, aplicando os conhecimentos adquiridos em sua formação profissional em alguma área dessa sociedade ou algum tipo de problema social. (MAIOR, 2013, p. 54)

Como podemos perceber “o fazer sociológico” não está restrito aos pesquisadores e programas de pós-graduação (apesar de ser uma atividade que está predominante vinculada a tais órgãos). “Ensinar Sociologia” abrange bem mais que uma mera reprodução de conteúdos. Neto (2012) exalta o professor-sociólogo que em sua função precisa reconhecer o local social e pensar sua prática de forma a particularizar os sujeitos envolvidos. Nesse caso, não se trata de ver o estudante como símbolo de rebeldia, mas identificá-lo a partir da moda, da música, das expressões culturais da comunidade. A preocupação do sociólogo é perceber as dificuldades que os jovens enfrentam em articular elementos de sua biografia com atribuição

de um sentido, mais precisamente de um projeto do qual a escola é instrumento de grande importância (NETO, 2012, p. 132).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da proposta do “professor-sociólogo”, alguns desafios se apresentam à prática em sala de aula, do qual destaco a seguinte reflexão: a partir dos conteúdos sociológicos, como atribuir um sentido aos alunos?

Um dos caminhos sugeridos (além das orientações curriculares) é que o professor não fique apenas no âmbito do discurso. A sua práxis deve conduzi-lo ao entendimento do ambiente escolar para uma melhor contextualização das práticas pedagógicas. Um “olhar” sociológico que possibilite resgatar o potencial do estudante no entendimento de sua realidade local. Cabe, igualmente, pensar na tarefa de desnaturalizar os fenômenos sociais de que participa. Neto (2012, p. 141) aponta a necessidade da interação social no processo educativo, levando os alunos a serem sujeitos de sua aprendizagem. Isto marca uma proximidade da proposta educativa de Paulo Freire (1996) em um exercício de articular estes elementos com a realidade, cabendo ao professor-sociólogo a mediação necessária na apresentação dos conteúdos e seus significados.

Por fim, cabe na prática docente, sobre as várias possibilidades metodológicas, trabalhar o exercício de mobilizar conforme nos indica Neto (2012):

Se a mobilização para a produção do conhecimento engendra a ideia de provocar o aluno para dialogar com a sua realidade circundante, o professor inicia sua empreitada como um proponente de conteúdos, que só serão significativos desde que se tornem concretos e sensíveis aos educandos; daí a necessidade de estarem relacionados diretamente com sua vida. (NETO, 2012, p. 145).

Enfim, a prática docente para o ensino da Sociologia não está separada da condição do sociólogo. Neste sentido, deve-se colocar este como um primeiro exercício, concepção que não poderia estar ausente de nenhuma aula de Sociologia. “No final das contas, o *métier* do sociólogo, tomando de empréstimo a alegoria de Kundera, é „rasgar as cortinas“ que ocultam as realidades, que as encobrem com suas representações fraudulentas” (BAUMAN, 2015, p. 36).

No entanto, deve-se ressaltar que isto é um desafio para todos, em especial quando seu propósito é formar cidadãos críticos e conscientes de sua realidade. Em relação ao que foi apresentado, o livro didático não deve ser visto como o único recurso. O professor de

Sociologia deve estar atento à sua realidade e interpretá-la à luz de sua perspectiva e/ou imaginação sociológica.

Com base nos princípios apontados pelos documentos que normatizam o ensino da Sociologia e dos autores que apresentam possibilidades sobre a prática sociológica por meio da educação - a exemplo de Florestan Fernandes, Mills, Paulo Freire - a ênfase do ensino da Sociologia não deveria ser apenas tratar de conceitos, mas trazer perspectivas com a finalidade de apresentar a importância e a complexidade dos mais diversos temas trabalhados nas Ciências Sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Para que serve a Sociologia?** Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

BERGER, Peter. **Perspectivas Sociológicas.** Petrópolis: Vozes, 2002.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança:** movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FERNANDES, Florestan. **A condição de sociólogo.** São Paulo: HUCITEC, 1978.

_____. **A integração do negro na sociedade de classes.** 3. ed. São Paulo: Ática, 1978.

_____. **Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica.** 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1972.

_____. O ensino de Sociologia na escola secundária brasileira. **Primeiro dossiê de Ciências Sociais.** São Paulo: Ceupes-USP/CACS-PUC, 1985, p. 46-58.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MAIOR, Heraldo Pessoa Souto. O ofício de sociólogo. **Revista Brasileira de Sociologia (RBS).** Sergipe: vol. 1, n. 2, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/revista/index.php/RBS/article/view/42>. Acesso em: 16 out. 2018.

MARTINS, José de Souza. O artesanato intelectual na Sociologia. **Revista Brasileira de Sociologia (RBS)** Sergipe: vol. 1, n. 2, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.sbSociologia.com.br/revista/index.php/RBS/article/view/41/17>. Acesso em: 10 dez. 2015.

_____. **Uma sociologia da vida cotidiana.** São Paulo: Contexto, 2014.

MILLS, C. Wright. **A Imaginação sociológica.** 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

NETO, José Guimarães *et al.* **Educar pela Sociologia: contribuições para a formação do cidadão.** Belo Horizonte: RHJ, 2012.

PAIS, José Machado. O cotidiano e a prática artesanal da pesquisa. **Revista Brasileira de Sociologia (RBS)**. Vol. 1, n. 1, jan/jul. 2013. Disponível em: <http://www.sbSociologia.com.br/revista/index.php/RBS/article/view/26/6>. Acesso em: 10 dez. 2015.